

Extimidade



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper ¹nos fala sobre termos e mentalidades: Extimidade

Original: educacion.press/2019/04/09/terminos-y-mentalidades-extimidad/

Um dia, encontrei-me com uma antiga aluna. Somos, ademais, "amigos no Facebook". Ao cumprimentá-la, disse-lhe que me alegrava que tudo estava indo tão bem, pois, embora não sabia dela diretamente, eu a havia seguido no Facebook. Ela me respondeu: "Bem, José Víctor, você já sabe que o Facebook é mentira!". Eu disse que não sabia. Embora eu, sim, saiba que muitas vezes nos mostramos mais como gostaríamos de ser do que como, na realidade, somos. Desejamos tanto uma certa experiência que dizemos que a temos vividos, quando, na verdade não tem sido assim: ir a uma festa com amigos e sentir-se muito mal, mas logo dizer que foi uma noite incrível com os colegas, é um exemplo comum. Nós acreditamos nos nossos desejos. Quando isso chega a ser muito exagerado, os desejos em que se acredita têm mais força que a visão da realidade, e não é estranho que cheguemos a acreditar em nossas próprias mentiras. Diante da impossibilidade de que esse desejo possa ser real, damos por feito, como se fosse, e vivemos acreditando que é assim. Isso pode acontecer em muitos âmbitos, mas hoje eu gostaria de aprofundar um em particular: a experiência do encontro de intimidade. A

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

desejamos tanto, que acreditamos em nossas próprias mentiras e vivemos experiência de extimidade, em vez de intimidade.

A extimidade confunde a intimidade com exterioridade e expõe a exterioridade, pensando que assim poderá conseguir um encontro íntimo. Esta exposição é um movimento desesperado e/ou uma forma de autolesão. O movimento desesperado se dá quando alguém não valoriza o que é, e o acaba vendendo pelo maior lance ou, em um movimento angustiado, se dá a qualquer um. O faz com a ingênua esperança de que, se alguém o quer, será porque tem algo de valor. Uma vez que não se valoriza, necessita encontrar a valorização por parte de outra pessoa e para isso, se "enfeita" e se exhibe para a satisfação do outro. Quando se dá conta da falsidade de sua exibição, se desvaloriza ainda mais e o soluciona expondo-se mais. Usa, como remédio, a própria enfermidade. Torna-se um círculo vicioso que aprisiona. O problema é que, embora não seja a intimidade o que propriamente se exhibe, surgem os problemas de uma intimidade manipulada e exposta, se não violada.

Embora, inicialmente, esse processo não tenha a ver com uma exposição forçada da intimidade em uma violação sexual, a pessoa violada também, se não for acompanhada, pode acabar assumindo um processo de extimidade, que não fará mais que abrir e fazer sangrar a ferida.

Por onde olharmos, a extimidade está rodeada de dor. Uma dor que nunca será reconhecida, pois, prejudicaria a exposição. Paradoxalmente, êxtimo (quem se expõe) não mostra seus verdadeiros sentimentos. Mostra o que satisfaz a visão dos outros, e se, para isso, tem que mentir, não tem problema em fazê-lo. Seja como for, a extimidade é um movimento destrutivo da intimidade (veja o termo intimidade para completar).

Quem se aproveita de tal exposição, aparentemente voluntária, não deixa de ser um abusador, pois sabe que está se apropriando de algo que não lhe pertence. Que o outro, em seu desespero, se exhiba, não justifica que alguém se aproveite disso. Quem abusa da intimidade exposta por desespero, acaba se sentindo como um porco que violou a intimidade alheia, e quem se esvaziou, sente-se como algo usado, sujo e descartado. Como quer que se veja, se encontrará somente dor. Quem se aproveita da extimidade do outro descobre que sua própria intimidade foi danificada e, igualmente, acaba de viver um processo de extimidade. O violador da intimidade do outro se reconhece violado, porque sua intimidade também foi exposta, mas não pode culpar ninguém que não seja a si mesmo.

As formas de extimidade hoje em dia podem ser muitas e, embora a sexual seja a mais frequente, não é a única. A exposição e violação da intimidade faz com que não se saiba quem é. Violada a intimidade, a pessoa está vazia, e a única solução é preencher o vazio com aparência. Ao preenchê-lo com aparência, se mostra com força, mas é uma fortaleza na qual é tudo fachada. **A depressão rondará o êxtimo (quem se expõe).**

Ao viver a extimidade, a pessoa se acostuma a viver em sua exposição, de tal forma que vive alheio à sua real intimidade, que pensa que não tem (mas que continua tendo). Ao pensar que sua intimidade é sua exposição, essa pessoa vive alheia a si mesma e se busca no exterior. Isso faz que o processo de exibição não faça mais que crescer. Sou o exposto e me exponho, mas com isso se destrói cada vez mais a intimidade, enquanto afunda no sentimento de culpa de ser seu próprio inimigo. Descobrir-se como inimigo de si mesmo, lhe confirma que não há nada de bom nele, ou nela, por isso segue expondo-se. **Encontra a paz em cada nova entrega, mas como descobre que entrega é falsa, o único que consegue é que cresça sua frustração, de um verdadeiro encontro de intimidades que nunca tem.** Como o viciado que, em cada dose, acredita resolver sua situação, e não faz mais que agravá-la. Assim, a pessoa se expõe, e se expõe, e se expõe ainda mais, enquanto a frustração cresce, porque nunca se dá o encontro, e continua expondo-se, buscando, como **bálsamo, a mesma fonte da dor.**

Nesse processo, o pudor é muito útil, pois nos permite ser conscientes da exposição da intimidade em um ato concreto. O pudor, assim visto, é bom, pois **o pudor é o sentimento que temos quando somos conscientes que estamos prestes a mostrar intimidade.** Entendido assim, o pudor nunca pode entender-se como algo que reprime. O pudor é um sentimento despertado pela consciência de que nos tornamos transparentes diante do outro. O pudor não vai contra a exposição da intimidade, senão simplesmente nos mostra a transcendência do ato.

Pode ser que uma pessoa seja pudorosa (consciente de sua exposição) e, ainda assim, haja com extimidade, pois vai desesperadamente buscando o encontro. Não obstante, vivendo em uma sociedade onde há tanto exibicionismo, pode haver pessoas que se exibem sem ser conscientes disso, mas, não por isso, deixarão de sofrer as más conseqüências. Ao ser o pudor um sentimento e, portanto, um efeito, não cabe propriamente falar de educação no pudor, senão caberia ajudar a que pessoa seja consciente que o que ela expõe afeta sua intimidade. Se é consciente, surgirá o pudor. Mas é necessário ter muito cuidado para não

desenvolver vergonha, o que seria um remédio que adoece, porque a vergonha impediria de mostrar-se. A vergonha se desenvolve quando alguém sente rejeição de sua pessoa. No pudor, não há nenhum sentimento de rejeição. O objetivo não é isolar a intimidade no isolamento e que ninguém a conheça, senão saber quando vale a pena mostrá-la, pois **somos seres que vivemos no encontro de intimidades**. Se nos expomos mal ou nos isolamos, prejudicamos a intimidade.

É dizer, embora o êxtimo (quem se expõe) cometa vários erros, nem tudo nele é erro, uma vez que o ser humano vive pelo encontro de intimidades. O paradoxo da extimidade é que o ser humano é certamente chamado a um encontro de intimidade e, portanto, precisa mostrar sua intimidade. **O que age com extimidade não se equivoca no que deseja** (ver o termo desejo), **mas na forma de satisfazer o desejo**. Mas se a pessoa não sabe onde, como, quando... mostrar-se, pode cair em processos de extimidade. Dou-lhes uma frase para poder pensar em como, quando... mostrar a intimidade: **"A certo grau de amor, certo grau de entrega da intimidade"**.

Uma pessoa pode reconhecer se vive processos de extimidade não somente porque se exhibe, mas por outros processos que são como luzes de alarme de que pode encontrar-se no início de processos de extimidade. Por exemplo, se vê que a solidão é muito pesada, ou se, quando está com os demais, guarda relações de dependência com as outras pessoas.

Dizíamos que o êxtimo (pessoa que se expõe) comete vários erros. O principal é confundir o exposto com a intimidade, considerar-se somente uma coisa onde sua presença é justamente o que ele é, mas a pessoa é sempre "mais" e, portanto, é mais do que o exposto. Ou seja, falando em termos matemáticos, poderíamos dizer que o êxtimo (pessoa que se expõe) pensa que "o exposto = a intimidade", quando, na verdade, "o exposto < intimidade", embora a afete. A frase "o que faço é o que sou" é falsa, mas a frase "o que faço afeta o que sou" é verdadeira. O erro do êxtimo (pessoa que se expõe) o leva a pensar que **"se não é visto (exposto), não existe"**. Por isso, se expõe e se expõe; em cada exposição, se frustra, porque, mesmo sendo violada a intimidade, a intimidade nunca é satisfeita. **O êxtimo não sabe que é uma pessoa, mas pensa que é um personagem**, pois um personagem sempre tem um auditório. Por isto, não é estranho que o êxtimo seja também histriônico, ou seja, alguém que necessita de uma audiência e sempre atua como se estivesse diante dela.

Ao confundir o exposto com a intimidade, o êxtimo necessita exacerbadamente melhorar. **Não quer crescer para se desenvolver, mas para satisfazer a vista do espectador/abusador.** Ele quer melhorar, porque o que é agora não vale nada. O êxtimo pode chegar a mostrar força de vontade titânica neste processo de melhoria da imagem. Isto pode mostrar-se de muitas formas: o culto ao corpo, possuir e possuir mais, a luta por um posto de trabalho reconhecido, etc. Duas pessoas vão para academia, mas: Eles fazem isso com a mesma intenção? Os dois podem, inclusive, usar as mesmas máquinas, mas a intenção marcará a diferença. Cada um terá que pensar nisso. O êxtimo busca satisfazer os padrões sociais de sucesso, vive em relação a padrões idealizados.

A boa notícia é que o erro de êxtimo é precisamente o que pode salvá-lo. Pois, embora tenha sido exibido impudicamente, não é verdade que a intimidade coincida com o que foi exposto, porque a intimidade é "mais". Tomar consciência de que há um reduto inviolável do ser humano, mesmo que se busque ser violado (o próprio êxtimo) ou que se tenha sofrido a dolorosa experiência de um estupro. Certamente, a exposição danifica a intimidade, mas não a destrói e, portanto, sempre há possibilidade de recuperar a dignidade aparentemente perdida na exposição. Certamente, é preciso um processo de reconciliação consigo mesmo, e descobrir que a verdadeira fonte de valoração não vem de cobrir as expectativas dos outros (provavelmente, êxtimo também). Tampouco virá pela autossugestão de sentir-se valioso como outros propõem, senão por um autêntico encontro de intimidades, onde se surpreende por ter sido bem tratado por outro, quando isso não se espera. Essa experiência se vive no desenvolvimento humano saudável, desde o nascimento, pelos cuidados dos pais, e se prolonga ao longo de muitas experiências da vida. A imagem humana que melhor mostra o encontro de intimidades é a experiência do casamento, na qual o corpo nu é exposto e então se pensa: **o outro poderia me matar, mas vejo que ele me ama.**

Nesse processo de reconciliação consigo mesmo, a solidão é verdadeiramente necessária para a construção da própria intimidade, mas o êxtimo a vive como insuportável. Por isso, necessita a ajuda de outros que o respeitem e não aceitem sua exposição impudica, mas que o tratem pelo que ele é, alguém que é muito mais do que sua aparência.